

Salvador de Mendonça

ROQUE SPENCER MACIEL DE BARROS

O período de nossa história que se estende de 1868 ou 1870 aos fins da primeira grande guerra, frequentemente tão mal compreendido, caracteriza-se por uma efervescência de idéias liberais e generosas, cujo objetivo último é elevar o País "ao nível do século", superando o atraso cultural, político e econômico da Nação a fim de fazê-la abandonar a periferia da civilização, integrando-a, não como simples caudataria, mas como unidade criadora, no mundo do ocidente. Não se trata, assim, de uma época "alienada", com os intelectuais dando as costas à "realidade brasileira" para se comprazerem numa inocua imitação de modelos e idéias estrangeiras: nem lhes seria possível enfrentar essa "realidade brasileira" sem compreender as suas conexões com o mundo do ocidente, sem encontrar, neste, modelos e padrões que norteassem o trabalho civilizador a que se entregavam. Em tais condições, nada mais urgente, no domínio da nossa historiografia, que a realização de trabalhos referentes a esse período, ao mes-

mo tempo tão próximo de nós, pelos seus reclamos e ensaios, e tão longe, pelo conhecimento que se tem dele. Rareiam, especialmente, as monografias, referentes a problemas ou a homens desse tipo, impedindo-nos uma larga e completa visão de conjunto pelo insuficiente conhecimento dos detalhes.

Estas considerações, por si sós, justificam já, e plenamente, o livro de Carlos Süssekind de Mendonça — **Salvador de Mendonça, Democrata do Império e da República**, que o Instituto Nacional do Livro (Coleção B3, Biografia) editou no ano findo. Carlos Süssekind de Mendonça já nos dera, há alguns anos, um excelente livro sobre Silvio Romero, obra que é, ao lado da **Introdução ao Método Crítico de Silvio Romero**, de Antonio Candido, o que de melhor se fez sobre o famoso escritor sergipano. Agora, e enquanto prepara novo livro sobre Silvio (Silvio Romero de corpo inteiro), Süssekind de Mendonça põe as suas qualidades de pesquisador e de biógrafo a serviço de uma figura injustamente esquecida e

que tanta importância teve nos movimentos políticos que levaram à República e a sua consideração. Parente do ilustre escritor e diplomata, Süssekind de Mendonça foi, como nos explica em nota introdutória, o depositário, por dez anos, do "opulento arquivo" de Salvador, lidando com múltiplos documentos inéditos ou esquecidos que lhe permitiram traçar, com segurança e minúcia, a trajetória intelectual e política do republicano fluminense.

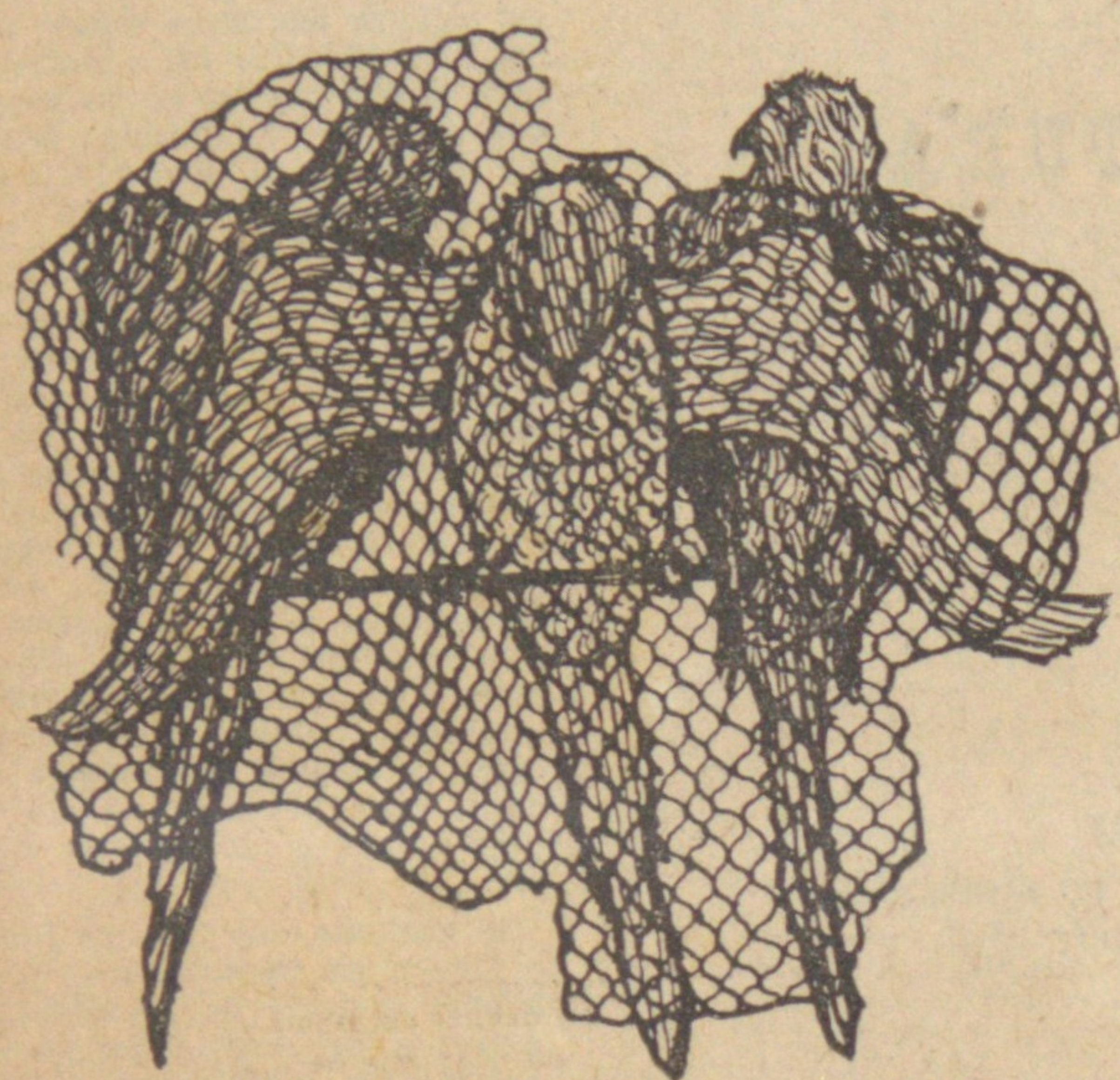
Não é nosso propósito, neste artigo, acompanhar o A. no seu trabalho de reconstrução, etapa por etapa, da vida de Salvador de Mendonça: queremos apenas alinhar apenas algumas rápidas reflexões metodológicas para, em seguida, tentarmos a captação das idéias fundamentais do biografado, das quais decorre a sua ação política e diplomática, servindo-nos, para tanto, do livro que examinamos.

Süssekind de Mendonça, como já o havia feito no livro referente a Silvio Romero e sem prejuízo da objetividade, procura reconstruir a vida e a obra do biografado a partir da perspectiva em que este próprio se situa: "Reuni testemunhos, ajuntei documentos, procurando fazer com que falasse — pelos seus livros, pelos seus artigos, pelas suas cartas, pelos seus ofícios reservados e confidências de consul e ministro — o próprio Salvador de Mendonça", escreve o A. na Nota Introdutória de seu livro. Poder-se-ia protestar contra essa atitude metodológica lembrando que, assumindo-a, dá-nos o A. um retrato parcial, mostra-nos o biografado ao espelho, ao invés de inseri-lo no contexto mais amplo e rico das imagens contraditórias e frequentemente irreconciliáveis que os contemporâneos dele formaram, cada um a transformá-lo, pirandellianamente, num personagem de seu próprio mundo. Tomem-se, a esse respeito, as relações entre Salvador e Nabuco, entre Salvador e Rio Branco, entre Salvador e Prudente ou Campos Salles: poder-se-á dizer que o A. nos mostra todas essas figuras do Império e da República como simples personagens participantes do drama de Salvador, sem dar-nos o reverso da medalha: Salvador como personagem do "drama" desses homens. Não há dúvida de que tal trabalho é, pelo menos teoricamente, possível de ser realizado e é complemento indispensável para o conhecimento de uma vida que, projetando-se sobre outras vidas, tece com elas uma cadeia de relações que se desdobra indefinidamente para constituir a realidade humana. Mas a essa altura abandonamos os limites da biografia, que há-de exigir sempre, como ponto de referência, a consciência do biógrafo, que há-de partir sempre dela para a reconstrução da realidade, subjetiva mas nem por isso menos real. Nesse sentido, toda autêntica biografia é necessariamente parcial: não cabe a ela estabelecer uma "verdade", uma "realidade", uma "justiça" exteriores ao biografado, mas a justiça, a realidade e a verdade que decorrem da vida deste, do seu modo de ver, sentir, pensar e organizar o real. Assim, a decidida intenção do A. de ver os fatos contemporâneos e os homens do tempo de Salvador pelos olhos deste parece-nos não só legítima, como necessária. É claro que não obtemos, dessa forma, uma história da época de Salvador, na qual este se integre, mas uma história de Salvador, na qual se integre a sua época.

Essa perspectiva histórica parcial não impede, contudo, que, através do pensamento e da atuação de Salvador de Mendonça, tenhamos uma ampla visão sobre os problemas e a situação do tempo, já que o velho republicano fluminense é uma figura das mais características do período em que viveu, marcado pelos ideais e aspirações dos grandes vultos liberais dos fins do Império e dos primeiros anos da República. Nesse sentido, o esboço das suas idéias fundamentais é um pouco o esboço de todo um programa do liberalismo, voltado para a tarefa da reforma das instituições, da escola à organização política do País, desde a abolição da escravatura aos planos de reforma econômica, em tudo inspirado por uma visão lucida da situação nacional. Assim, enquanto muitos dos nossos republicanos históricos viam na pura e simples transformação das instituições políticas uma espécie de panacéia, Salvador, exatamente por ter uma visão de conjunto dos nossos problemas, inspirada num liberalismo moderno e aberto para o tempo, nunca se deixou enganar por vagas formulas. Republicano da primeira hora, redigindo mesmo a parte referente à "Verdade Democrática" do **Manifesto Republicano** de 70 (cf. pág. 71, onde Süssekind de Mendonça elucida a questão), Salvador compreendia a esterilidade do simples entusiasmo ou da mera propaganda. Em seu romance **Marabá**, publicado em 1875, o personagem Agenor de Andrade, exprimindo o pensamento do Autor, diz ao desenvoltado republicano José Alves: "A República, amo-a com o mesmo entranhado amor com que o senhor a ama, porque é a consagração da dignidade humana. Mas, por isso mesmo, e porque além dos sentimentos republicanos tenho os princípios, não os quero ver burlados. Acho louvável o seu modo de pensar. Aplaudo os esforços dos homens que empreendem em nossa terra essa cruzada libertadora. Mas julgo que esses esforços são tão generosos quanto esteireis. O próprio entusiasmo dos senhores os cega e conturba. Devem começar de mais fundo os alicerces da sua obra, para, no dia em que derrubarem o que existe, terem já assentado o edifício que vão levantar. Tratem

dos costumes, meus amigos, dos costumes que se não fabricam em um dia como se fabricam leis, para que as leis que fizerem possam ser uma realidade. Educação, instrução ao povo, deve ser o seu, o nosso mote. A República Americana é grande e prospera, como é grande e prospera a Suíça, porque são ambas morigeradas e cultas" (pág. 99). E, pouco mais adiante, Salvador acrescenta à necessidade da instrução a do enriquecimento do País, condição de independência, enriquecimento esse impossível enquanto durasse a escravidão e sem o qual o sonhado regime não atenderia a seus objetivos. Mais voltado para os problemas diplomáticos e econômicos do que para os pedagógicos (embora sem esquecer-se nunca destes) Salvador, nomeado consul em pleno Império, e em função desse fato enfrentando com frequência a incompreensão de muitos republicanos informados com essa "traição" à causa, irá, servindo ao seu País, trabalhar em última instância pela República, já que as suas missões e seus planos visavam sempre ao fortalecimento diplomático e econômico do Brasil, que ele julgava, já o vimos, uma das condições de êxito do novo regime. Não cabe aqui o exame do trabalho diplomático ou do plano econômico de Salvador, trate-se quanto ao primeiro do seu triunfo na Conferência de Washington ou de sua atuação no reconhecimento da República Brasileira pelos Estados Unidos, trate-se, em relação aos segundos, da linha marítima direta entre Brasil e Estados Unidos ou das medidas aventadas para a valorização do café. Vale lembrar contudo, pelo menos, as diretrizes seguidas pelo republicano de Itaboraí nas lides diplomáticas e na política econômica. Como diplomata, Salvador se faz o paladino de um americanismo autêntico, fundado no arbitramento obrigatório para as questões controversas entre os países da América e na abolição do direito da conquista. Ligado profundamente aos Estados Unidos, inclusive pelo seu segundo casamento, Salvador em momento algum cede às pressões dos interesses norte-americanos, quando estes se opõem aos nossos: todo o seu esforço é empenhado no sentido de nossa autonomia em face das nações poderosas, ainda que amigas. No terreno econômico, Salvador é uma espécie de anti-Rui, cuja política protecionista à frente do Ministério da Fazenda parece-lhe fundada em duas ilusões: "primeira, que uma farta emissão de papel-moeda chegaria afinal a produzir com a criação de novas indústrias a capitalização que nos faltava, e, segunda, que tarifas aduaneiras podem amparar indústrias nacionais contra similares estrangeiras, embora lhes faltem as condições essenciais de vitalidade, tais como matéria-prima nacional, operários idôneos, facilidade de transportes etc." ... (pág. 153). Não nos compete discutir se a razão estava com Salvador, preso no caso às doutrinas tradicionais do liberalismo econômico, ou com Rui, o "ministro da nossa emancipação econômica", na expressão feliz de Humberto Bastos. Contudo, parece-nos que, teoricamente ao menos, a balança pesaria em favor de Rui. Não se pense, entretanto, que Salvador se opõe a Rui por conservadorismo, representando simplesmente os interesses dos grandes senhores de terras contra a formação de uma burguesia urbana progressista que, na interpretação de um de seus estudiosos, Rui teria em vista. Não: Salvador, embora admita o protecionismo como exceção em casos especiais, é, prática e teoricamente, visceralmente antiprotecionista. Em 1903, traçando um quadro ideal do futuro, é pela crítica do protecionismo que ele começa: a era feliz da humanidade viria "quando a liberdade inteira de comércio houvesse derrocado o último erro do protecionismo e as alfândegas do globo se tornassem meros registros estatísticos de troca de produtos entre os povos cujos climas e cujos cerebros os produziram mais baratos e mais perfeitos — quando as guerras, que ainda em nosso tempo dão testemunho de nossa barbaria tivessem sido substituídas pelo arbitramento obrigatório e pleno entre as nações — quando os progressos da indústria anglo-saxônica e a sua atividade maravilhosa tivessem permeado este continente e a alma latina houvesse afeiçãoado a alma da raça, fisicamente mais forte, aos ideais da justiça e do belo — quando tivesse surgido, graças a esse conjunto de forças, a civilização que se está moldando na grande oficina americana da liberdade, temperada com o socialismo que solapa a Europa monárquica — quando a nossa República, finalmente, fruto prematuro de uma operação cesariana, houvesse retomado o caminho dos doutrinários da propaganda, vitoriosos das urnas conscientes, graças à escola, à imprensa e à tribuna" (pág. 244). Se citamos o trecho todo é para mostrar que o que move a Salvador não é qualquer suspeito conservadorismo, mas uma convicção profunda. "Este século, antes de findo — voltará Salvador a dizer em 1904 — verá a luta industrial coroada pela vitória do socialismo, temperada pela democracia americana" (pág. 251). A exceção exatamente do livre-cambismo, obsoleto ou utópico, as duas passagens nos revelam um espírito aberto, dentro do melhor socialismo democrático.

Estas idéias, sumariamente esboçadas, não nos mostram todo o Salvador de Mendonça, mesmo porque, comuns a muitos de seus contemporâneos, não revelam a especificidade do seu modo de ser: este se encontra, fundamentalmente, na aplicação de tais idéias, no seu "idealismo prático" de que nos fala o seu biógrafo (pág. 152). É atuando que Salvador se realiza, é na prática que constrói a sua biografia espiritual. E este, com minúcia e segurança, escreveu-a Carlos Süssekind de Mendonça. Que este artigo conduza o leitor eventual ao livro e terá cumprido sua função.



O menino no jardim zoológico

*Neste dia coberto de panteras
deslumbrado passeias entre as feras.*

*O que no mundo é símbolo da selva
respira a rubra flor que ri na relva.*

*De uma Arca de Noé dispersa no ar
os bichos se acumulam em teu olhar.*

*Cativas como os homens, eis as feras
que mastigam o feno das quimeras.*

*Que procura o hipopótamo? O jardim
do paraíso perdido. E o saguim*

*busca o rosto rupestre do futuro
homem que um dia sujará um muro.*

*São leves como paina os elefantes
correndo entre as paisagens e os amantes.*

*O trópico bate asas: papagaio
de algaravia voenga e verde gaio.*

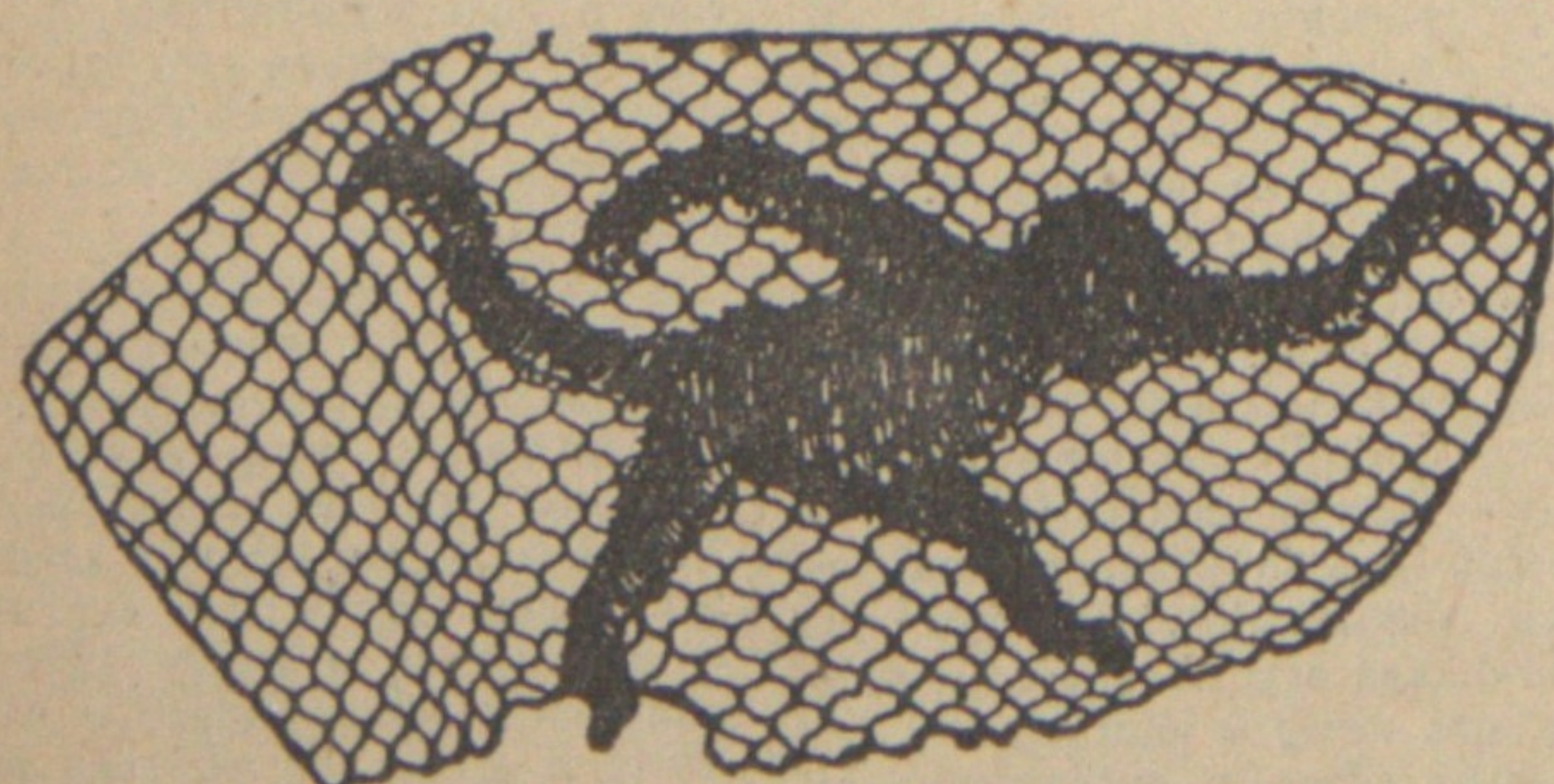
*Onças sonsas e meigas lontras mansas
aninham-se nos olhos das crianças.*

*O instante abre o seu leque: é a plumagem
da arara oculta em sua própria imagem.*

*A jibóia jibóia o tempo turvo
digerido entre o pantano e o céu curvo.*

*E o piá aprende a vida, desde os vermes
às sestras dos inermes paquidermes.*

LÊDO IVO



Ilustrações de RITA ROSENMAIER